

CERVO, Amado Luiz – *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Instituto Italiano di Cultura., 1992, 261 p.

*Nicélio Cesar Tonelli **

Resgatar o papel da diplomacia enquanto agente da política externa que pode dinamizar ou frear o desenvolvimento é o objetivo de Amado Luiz Cervo. Trata-se de um livro que preenche um vácuo no conjunto da historiografia pertinente às relações exteriores do Brasil, em especial no que tange às relações bilaterais ao longo dos séculos XIX e XX. Dessa maneira muito contribui para a dinamização e expansão dos estudos relativos à política externa brasileira. Lembramos ainda que uma análise das relações bilaterais na linha da obra em questão, se faz necessária para a melhor compreensão das relações entre Brasil e Alemanha, Brasil e França, Brasil e Espanha, Brasil e Argentina, etc, para citar apenas alguns exemplos.

O texto divide-se em três partes básicas: I – Um tempo para chegar (1861-1918); II – Um tempo para entender-se (1919-1949) e III – Um tempo para cooperar (de 1950 a nossos dias), correspondendo cada uma das fases do desenvolvimento das relações bilaterais entre o Brasil e a Itália. A primeira fase marcou-se pelo estabelecimento e tentativas de incremento das relações diplomáticas e comerciais, pela grande imigração italiana em direção ao nosso país e pela participação conjunta na I Guerra Mundial. A segunda caracterizou-se pelo aprofundamento das relações bilaterais e pela emergência de novos interesses no comércio bilateral relativos à indústria pesada e de armamentos italianos e a mercados alternativos para o café brasileiro; simultaneamente, tratou-se do período de divulgação do fascismo de Mussolini no Brasil, fato que colocou nosso país em posição antagônica à Itália na II Guerra Mundial. A terceira, ainda em vigor, manifesta-se pela crescente aproximação bilateral através da superação das pendências de guerra, da diversificação do comércio bilateral, do estímulo ao investimento direto de capitais italianos no Brasil havendo uma grande potencialidade que, todavia, não foi devidamente aproveitada: eis o desafio. Nesta última destaca, ainda, que as relações bilaterais entre o Brasil e a Itália evidenciam um processo

* Departamento de História/USP.

díspar de desenvolvimento e inserção no interior do mundo contemporâneo. A Itália superou sua debilidade interna, modernizou-se e partiu para a competição internacional, tornando-se uma das grandes potências atuais. Enquanto isto, o Brasil ficou defasado, seguindo lentamente e de modo incompleto o caminho da modernização.

Curiosamente, o livro ao tratar das relações históricas entre o Brasil e a Itália omite, ou melhor, apenas dedica um parágrafo de seis linhas para abordar o laudo arbitral italiano de 1904, o qual pôs fim ao "litígio de Pirara" entre o Brasil e a Guiana Inglesa. Aliás, o fato foi recordado para enfatizar a tensão com a Itália, visto que a "opinião pública" discordou do mesmo. Entretanto, o motivo central de tensão foi a proibição de emigração italiana para o nosso país associada às altas tarifas para a compra de café brasileiro, como menciona o autor. Seria uma pretensão exigir que o autor abordasse com profundidade o litígio, mas deploramos não tê-lo avaliado. Por que o Brasil e a Grã-Bretanha escolheram o rei italiano Vitor Emanuel III para ser árbitro? Por que o Brasil acatou o laudo, mesmo considerando-o injusto? Em que medida o laudo não dificultou ainda mais as relações comerciais bilaterais à curto prazo? Enfim, a "questão" parece ser fundamental para as relações históricas entre o Brasil e a Itália em sua primeira fase.

Amado Luiz Cervo comete outros deslizes. Primeiramente, atribui, algumas vezes, grande mérito ao Barão de Rio Branco por ter contido investidas imperialistas sobre o Brasil, como menciona na página 40. Há vários estudos, entre os quais me incluo, que demonstram de modo explícito a atuação do dito diplomata enquanto artífice da abertura do país para a penetração do imperialismo britânico e norte-americano, implicando afirmar que o Barão do Rio Branco não conteve, ao contrário, facilitou as investidas imperialistas no Brasil.

Outro aspecto que mereceria maior destaque concerne à "italianidade" no Brasil. Entendo que ela não existe enquanto tal, nem nunca existiu, lembrando-se que o grupo de imigrantes italianos foi justamente aquele que mais facilmente se integrou ao país. O autor recorda que eles não resistiram à naturalização/nacionalização em massa promovida pela República, nem atenderam aos apelos nacionalistas de Mussolini, salvo exceções sem maior importância. Entretanto, Amado Luiz Cervo não repensou a "italianidade" nos últimos anos, fenômeno que surge e se fortalece entre os jovens com ancestrais italianos que procuram obter dupla cidadania para poder ficar na Europa, já que esta oferece a miragem de uma vida melhor do que no nosso país. Assim, a "italianidade" na nova conjuntura das relações bilaterais não poderia passar sem a devida atenção na análise da terceira fase destas relações.

Por fim, tais considerações devem servir para aprofundar o debate e estimular a pesquisa no campo das relações exteriores do Brasil, cabendo ressaltar que a obra é leitura imprescindível para aqueles que se dedicam ao tema das relações internacionais e por que não dizer, também, para os que querem conhecer e cultuar um almejado "passado italiano".